

Varição das vogais pretônicas em cartas de um casal não-ilustre de 1930

Variation of unstressed vowels in letters from a non illustrious couple of the 1930s

Recebido em 03 de agosto de 2015. | Aprovado em 10 de dezembro de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i2.186>

*Fabiane de Mello Vianna da Rocha*¹

Resumo: Este artigo analisa o comportamento das vogais médias pretônicas em missivas de um casal não ilustre do início do século XX. Trata-se de um estudo diacrônico, que parte dos preceitos da Sociolinguística Histórica e investiga a relação entre a variação existente na representação grafemática dessas vogais, na década de 1930, e o grau de contato dos autores com modelos de escrita. Mais especificamente, em um primeiro momento, as ocorrências são selecionadas a partir dos modelos de escrita atuais. A fim de verificar se os dados de fato refletem desvios grafemáticos ou se correspondem ao padrão que vigorava, utilizam-se, ainda, registros escritos de dois jornais de grande circulação na mesma época. Assim, constata-se ora a correspondência entre os periódicos e as missivas, ora o seu distanciamento, já que alguns casos refletem, ainda que em diferentes níveis, marcas de fala e/ou a insegurança sobre os padrões ortográficos então vigentes.

Palavras-chave: vogais médias pretônicas; missivas; estudo diacrônico; desvios grafemáticos.

Abstract: This article analyzes the behavior of the middle unstressed vowels in missives from a non illustrious couple of the early twentieth century. This is a diachronic study, that takes some of the precepts of the Historical Sociolinguistics and investigates the relationship between the variation in graphematic representation of these vowels, in the 1930s, and the degree of contact with the authors writing models. More specifically, at first, the occurrences are selected from the current written models. In order to verify that the actual data reflect graphematic deviations or match the pattern in force, it is also used written records of two major newspapers at the same time. Thus, it appears now the correspondence between the journals and letters, or its distance, as some cases reflect, albeit at different levels, speech marks and/or insecurity about the then current spelling standards.

Keywords: middle unstressed vowels; missives; diachronic study; graphematic deviations.

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista do CNPq. fabyufrj@gmail.com.

Introdução

Sobre o vocalismo no Português do Brasil (*doravante* PB), Camara Jr (1970) propõe uma variação fonêmica decorrente da tonicidade do segmento. Nesse sentido, o limite máximo de distinção se verifica em pares mínimos como *s/a/co*, *s/ɛ/co*, *s/e/co*, *s/i/co*, *s/ɔ/co*, *s/o/co* e *s/u/co*, cuja mudança de significado resulta da alternância das vogais acentuadas. Nos demais contextos, o processo de neutralização permite que alguns desses segmentos deixem de se opor e se reduzam a cinco, quatro e três fonemas em ambientes pretônico, postônico não-final e final, respectivamente.

Devido à anulação do traço de abertura entre as médias anteriores /ɛ, e/ e as médias posteriores /ɔ, o/, nas sílabas pretônicas, a variação das pronúncias de palavras como “*pesar*” e “*morar*” (p[ɛ]sar ou p[e]sar e m[ɔ]rar ou m[o]rar, respectivamente) não implica mudança de sentido: são apenas variantes de um mesmo elemento fonológico, os chamados arquifonemas /E/ e /O/. A depender do ambiente linguístico, em todos os dialetos do PB, verifica-se, ainda, a incidência do processo de alçamento ou alteamento que culmina em uma neutralização esporádica entre vogais médias e altas, conhecida como debordamento.

Diversos estudos revelam a recorrência do processo de alçamento na oralidade (cf. seção 1.2). Limitar a variação na pauta pretônica a essa modalidade pode, contudo, ser considerado um equívoco, já que análises sobre a grafia também assinalam uma tendência “a anular-se a oposição entre [e] e [i], bem como [o] e [u] em posição pretônica, realizando-se um arquifonema [i] ou [u] conforme o caso” (CAMARA JR, 1972, p. 88).

Marquilhas (1996) observa, em manuscritos do Português Clássico do século XVII, a intimidade de redatores com a escrita, contrastando as chamadas mãos hábeis e inábeis, a partir de dados linguísticos. Em sua proposta o grau de letramento dos informantes é avaliado e se consideram hábeis os indivíduos com maior domínio do registro escrito e inábeis aqueles cujo menor contato com esse registro se legitima. Em outras palavras, a inabilidade se evidencia através de aspectos como a ausência de *cursus* e de regramento ideal; o uso indiscriminado de módulo grande e de letras desenquadradas ou maiúsculas no interior de palavras; o emprego recorrente de abreviaturas; o traçado inseguro; a irregularidade da empaginação; a falta de leveza do conjunto; além da hipersegmentação. Reiterando esses critérios, Silva (2012, p. 36) ressalta que se espera, portanto, da grafia de pessoas com maior habilidade: “traços mais firmes, letras mais arredondadas e interligadas”, além de “uma cursividade homogênea.” Quanto menor a habilidade de um sujeito com a grafia, maiores também são as probabilidades de se encontrarem em seus textos marcas de fala como síncope ou alteamento das vogais médias pretônicas; variação entre <e> e <i> ou <o> e <u>; abaixamento das vogais [i] e [u]; dentre outros aspectos.

Complementando essa proposta, Barbosa (1999) analisa documentos oficiais e cartas de comércio, escritos durante o século XVIII, afirmando que essas características não são suficientes para determinar o nível de letramento dos escritores, pois, ao mesmo tempo em que se verificam alguns dos aspectos supracitados, o conteúdo dos textos reflete um nível de letramento superior. Para o autor, os critérios que nortearão um estudo que abarque a formalidade e o planejamento textuais decorrem de uma avaliação dada ao letramento em uma época. Mais precisamente, descobrir a cultura de um redator no passado implica, primeiramente, entender os valores atribuídos ao letramento em sua época e comparar as ocorrências encontradas a outros textos considerados de referência culta no período estudado.

O presente artigo almeja analisar missivas de um casal não-ilustre² do início do século XX, cujas informações sociais são pouco precisas. Como uma primeira abordagem qualitativa, parte dos preceitos da Sociolinguística Histórica e sugere que a variação existente na representação grafemática das vogais pretônicas anteriores e posteriores na década de 1930 possa indicar o grau de contato desses autores com modelos de escrita, por refletir, ainda que em diferentes níveis, marcas de fala em suas missivas e/ou a insegurança sobre os padrões ortográficos da época.

As principais abordagens de cunho fonético-fonológico no PB se pautam na Sociolinguística Variacionista e em dados de fala, sendo escassas pesquisas sobre sincronias passadas, cujos *corpora* seriam exclusivamente escritos. Ainda que se reconheça que aspectos da pronúncia são mais evidentes em amostras orais, em conformidade com Marquilhas (1996) e Barbosa (1999, 2005), postula-se que, a depender do grau de letramento

² Classificação de Silva (2012; 2013), com base na escrita e no conteúdo das missivas.

do indivíduo e do período sócio-histórico considerado, a aproximação entre as duas modalidades é perfeitamente plausível.

Dessa maneira, a próxima seção expõe outros comentários sobre o vocalismo pretônico na história da Língua Portuguesa e no PB moderno. A seção 2 enfatiza alguns problemas e contribuições da Sociolinguística Histórica, partindo, principalmente, dos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e de Conde Silvestre (2007). Esclarecem-se na seção 3 alguns aspectos sobre a metodologia adotada, focalizando o *corpus* analisado, o perfil dos informantes e os possíveis fatores que suscitam a variação do fenômeno investigado. A seção 4 descreve as ocorrências encontradas, postulando possíveis condicionamentos para os dados de abaixamento, alçamento, apagamento e ditongação. Paralelamente, a fim de confirmar se os dados levantados na amostra de fato representam desvios aos modelos de escrita da época, confrontam-se, também, as grafias das missivas com aquelas que veiculavam em dois periódicos da década de 1930 no Rio de Janeiro. Por fim, apresentam-se, respectivamente, algumas considerações finais sobre este estudo e as referências bibliográficas que nortearam a proposta.

1. A pauta pretônica

1.1 - Na história da Língua Portuguesa

A revisão bibliográfica sobre a pauta pretônica revela um contraste entre a multiplicidade de abordagens variacionistas sobre o PB moderno (cf. seção 1.2) e a escassez de estudos diacrônicos sobre o mesmo tema. Segundo Teyssier (1980), devido à ausência de uma ortografia oficial, a alternância entre vogais médias e altas em sílabas átonas no Português Brasileiro data do século XVIII. Abordagens mais atuais comprovam, todavia, indícios da existência desse processo em sincronias mais antigas. Assim, como “a investigação fonológica diacrônica enfrenta os obstáculos da representação letra/som, da incógnita sobre o reflexo da oralidade na escrita, entre vários outros problemas” (MONARETTO, 2013, p.93), reconhece-se que o estudo desse fenômeno persiste como “um dos pontos mais importantes, mas também dos mais obscuros da história do português” (TEYSSIER, 1980, p. 68). A fim de melhor elucidá-lo, aliam-se as análises de Naro (1973), Monaretto (2013), Silva (2012; 2013) e Camara Jr (1972).

Em formas não derivadas de sílabas tônicas do latim, Naro (1973) ressalta a dificuldade de atribuir valor fonético às letras *e* e *o* em português antigo, pela ausência de evidências diretas que confirmem a realização dessas vogais como médias [e,o] ou altas [i,u]. Há, contudo, “ocorrências acidentais de registros variáveis, e as gramáticas dos séculos XVI, XVII e XVIII alertam sobre a relação estreita dessas letras.” (MONARETTO, 2013, p. 77). Mesmo em documentos anteriores ao século XIV, encontram-se vogais altas em contextos em que seriam mais propícias as grafias *e* e *o*. São recorrentes registros semelhantes a *duzi* (*doze*), *fur* (*for*), *sangui* (*sangue*) e mesmo que a influência latina seja legítima, nem todas as representações podem ser explicadas etimologicamente, o que sugere que a variação não se restringe a contextos átonos.

Para Mateus *et alii* (2003, p. 28), as gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540); o dicionário de português-latim e de latim-português de Jeronimo Cardoso; e, também, a obra *Ortografia da Língua Portuguesa* de Duarte Leão (1576) abordam a pronúncia da língua portuguesa e apontam que “especificamente, em Portugal, neste período clássico, as vogais átonas *e* e *o* alternavam-se com *i* e *u*, respectivamente.” (MONARETTO, 2013, p. 81).

No século XVI, tendo em vista grafias de vogal média em palavras como *igual* e *idade*, cujas pronúncias sempre teriam sido altas, Said Ali (1964) assegura que, mesmo em momentos em que a chamada escrita fonética se destaca, nem todo registro escrito reflete a pronúncia. Paiva (1988, p. 33) acrescenta, enfim, que as edições dos textos que nos chegam hoje nem sempre conservam as formas ortográficas originais, prejudicando a qualidade dos resultados em uma análise diacrônica.

Ainda que se proponha a observar o vocalismo átono final em jornais oitocentistas do Rio Grande do Sul, Monaretto (2013, p. 89) sugere uma relação entre a presença de variantes altas na pauta pretônica, a elevação na pronúncia das vogais médias na comunidade da época e a “consciência fonológica do fenômeno do alçamento”. Segundo a autora,

são quantitativamente significativos, nos jornais analisados, os casos de elevação (...) de vogais médias pretônicas, provocados pela presença de uma vogal alta na sílaba subsequente, ilustrando (...) o processo de *harmonia vocálica*, como nas palavras *semelhante* (semelhante) ou *religião* (religião), por exemplo, ou de alçamento diante de nasais ou sibilantes, como em *impossado* (empossado) e *desgraçados* (desgraçados). Há também palavras com *u* e *i*, ilustrando a situação de *alçamento sem motivação aparente*, como, por exemplo, *moleque* (moleque) e *recheado* (recheado).

Sua amostra revela também “casos de grafias em pretônicas que poderiam ser explicados como registro etimológico.” (p. 90). Em conformidade com Barbosa (2005), são identificados como “indicativo de aferição de erudição do texto”(p. 90). Além disso, evidenciam i) “a instabilidade de realização das vogais médias átonas, que se encontra consolidada na norma escrita com *e* e com *o*, desde muito tempo”(p. 92); e ii) “neutralização entre dois sons, manifestada pela opção da escolha de um só grafema.” (p. 92)

Recentemente, Silva (2012; 2013) analisa o mesmo *corpus* utilizado neste trabalho, almejando traçar o perfil sociolinguístico do casal de noivos em destaque através da grafia e do conteúdo de suas missivas. Dentre outros fatores considerados, a autora focaliza a alternância entre as vogais <e> e <i> e <o> e <u> em sílabas átonas. Trata-se de estudos que trazem, portanto, notícias sobre o fenômeno em voga, demonstrando que sua ocorrência nas cartas pode contribuir para a construção do perfil intelectual do casal observado, já que “esse tipo de desvio grafemático reflete a oralidade, pois as variantes gráficas entram em conflito com as representações fonético-fonológicas, gerando essa flutuação na escrita.” (SILVA, 2012, p. 82).

A comparação entre os autores das missivas revela que ambos apresentam variação com dados de alteamento e abaixamento em seus textos, ainda que os casos de alternância entre vogais médias e altas sejam mais recorrentes na escrita da noiva. Nas palavras de Silva (2012, p. 83):

Dentre os vocábulos coletados nas missivas do Jayme, a exceção de *constitue* (...) todos possuem uma variação na posição pretônica. As palavras *irrevugavel*, *durmente* e *durmi* apresentam alteamento da vogal [o] para [u] e as demais, abaixamento de [i] para [e].

As cartas da Maria apresentam dois dados de palavras cujas vogais que variam são as postônicas de [e] para [i], sofrendo um alteamento (...). Nas outras palavras, a variação ocorre em posições pretônicas (ocorrendo também em *defiçel*), com abaixamento da vogal – *estante*, *peor* ([i] > [e]) e em *podece* ([u] > [o]) e alteamento em *duer*, *intrega*, *iscondido* e *recibí*.

Por fim, com base em ditados e descrições de uma gravura, escritos por estudantes de uma escola de prestígio da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, que participaram do Exame de Admissão ao Ensino Médio, Camara Jr (1972, p. 91) afirma que a neutralização esporádica ocorrida na fala entre segmentos médios e altos pretônicos explicaria “a grafia ‘*acustumado*’ em vez de *acostumado*, em redação, e mesmo em ditado.”. Semelhantemente, casos de hipercorreção são também encontrados e descritos como

provenientes da preocupação de manter uma distinção inexistente na língua coloquial, como em ‘-Depois de falar com parente *romou* para o campo’ onde nem a associação espontânea com *rumo* conseguiu firmar a forma *rumou*.(...) Análoga explicação cabe à frase ditada – ‘inúmeros troncos’, que aparece escrita como – ‘*enúmeros troncos*’, e até – ‘*em números troncos*’. (...) Encontram-se, ainda, em seu *corpus*, exemplos como “‘*insolaradas*’ em vez de *ensolaradas* e ‘*imbarcação*’ em vez de *embarcação*.” (p. 91)

Segundo o autor, uma análise semelhante, realizada em uma escola municipal e “um colégio da zona norte, deve apresentar quadros um tanto diversos, correspondentes a uma estratificação linguística muito nítida que a cidade apresenta.” (CAMARA JR, 1972, p. 87).

Em conformidade com a defesa de Monaretto (2013, p.83) de que “o valor fonético das vogais *e* e *o* e o aparecimento das variantes *i* e *u* na história do português ainda persiste como um problema, pois a relação grafia/som não é clara para se postular algumas conclusões.”, este estudo se propõe a aprofundar a análise de Silva (2012; 2013), focalizando não só a alternância entre manutenção e elevação, mas também os casos de abaixamento, apagamento e ditongação em sílabas pretônicas encontrados na amostra. Com o objetivo de avaliar se as ocorrências realmente se distanciam das normas vigentes na década de 1930, adotam-se, ainda, dois jornais que

circulavam no mesmo período como referência de norma e comparam-se os registros das missivas àqueles presentes nas notícias dos periódicos.

Partindo dos pressupostos de que: i) “as descrições sincrônicas de fala das vogais podem servir de parâmetro e orientação para investigações de evolução de formas variáveis” (MONARETTO, 2013, p.83); e ii) a aliança entre essas duas perspectivas pode contribuir “para o conhecimento da mudança em uma variedade linguística” (MONARETTO, 2013, p. 83); comenta-se, na próxima seção, o comportamento das médias pretônicas no português brasileiro moderno.

1.2 - No Português Brasileiro

Embora se trate de um tema já desenvolvido por filólogos (como Paul Teyssier, Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes) e dialectólogos (como Amadeu Amaral, Mário Marroquim, José Aparecida Teixeira), e de a variação em contexto pretônico ser um fenômeno muito antigo em nossa língua, as abordagens sobre as vogais nessa pauta acentual intensificaram-se a partir da década de 1970, por conta do desenvolvimento, no Brasil, de estudos na linha Sociolinguística Variacionista (cf. CALLOU; BRANDÃO, 2016). As primeiras pesquisas já almejavam descrever e fundamentar a latente diversidade linguística que se verifica no PB. Com a possibilidade de explicar tal diversidade a partir da aliança entre fatores estruturais e sociais, estudos fonéticos ou fonológicos como Câmara Jr. (1970, 1977), Bisol (1981, 2003), Yacovenço (1993), Callou *et al* (1986, 1991), Viegas (2001), Brandão; Cruz (2005), Hora; Santiago (2006), Oliveira (2008), dentre vários outros, já permitem esboçar um quadro geral das motivações que presidem à implementação das variantes.

Pode-se dizer que, em meio aos diversos fatores que concorrem para a variação das pretônicas, a maior frequência de uma ou de outra vogal na fala das principais áreas geográficas do Brasil parece confirmar a distinção básica entre os dialetos do Norte e do Sul do país, conforme a proposta de Nascentes (1953). Confirmam, também, tal diferenciação dados recém divulgados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALIB (MOTA; CARDOSO, 2013, inédito, p. 5-6) referentes a 25 capitais de estado³:

Em termos percentuais, encontram-se, no conjunto de capitais da região Nordeste, aproximadamente, 60% para as vogais médias pretônicas abertas. Por outro lado, as capitais das regiões Norte e Centro-Oeste situam-se em uma posição intermediária, com maior frequência das médias abertas (36%, no Norte, e 27,5%, no Centro-Oeste) do que nas capitais do Sul e Sudeste (percentuais abaixo de 10%), mas com menor frequência do que nas do Nordeste. Os percentuais de vogais médias pretônicas fechadas, consideradas conjuntamente as anteriores e posteriores, são: 64%, na região Norte; 72,5%, na Centro-Oeste; 90,5 %, na Sul; 91,4 %, na Sudeste; e apenas 39,3 %, na Nordeste. (Cf. Tabela 01).

REGIÕES	VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS			
	ABERTAS		FECHADAS	
Norte	1.136	36%	2.008	64%
Nordeste	1.776	60,7%	1.149	39,3%
Sul	176	9,5%	1.683	90,5 %
Sudeste	210	8,6%	2.241	91,4%
Centro - Oeste	739	27,5%	1.953	72,5%

Tabela 01. Vogais médias pretônicas: resultados das capitais.

Com base nesses resultados, Callou e Brandão (2016) elaboraram o seguinte mapa, que permite melhor visualizar a distribuição das variantes [e o] e [ɛ ɔ] pelo território brasileiro.

³ Não foram analisados os falares de Palmas e de Brasília.

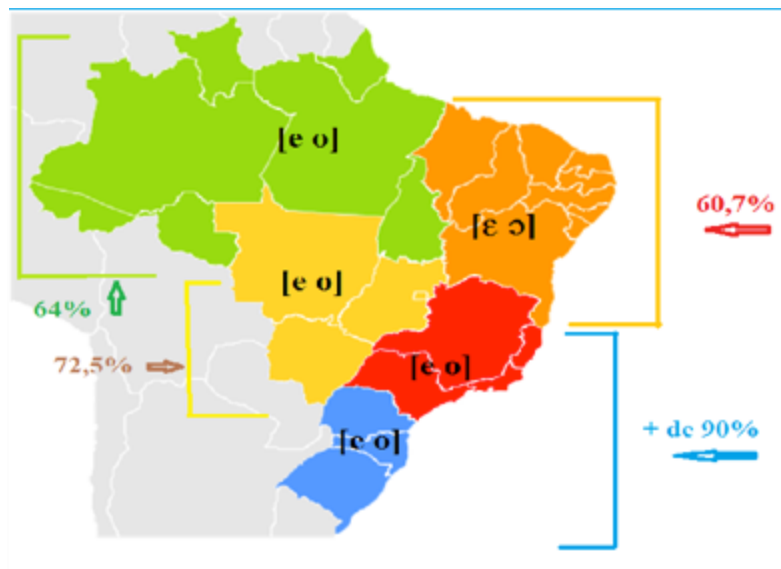


Figura 01. Médias anteriores e posteriores em conjunto na fala de 25 capitais brasileiras (CALLOU; BRANDÃO (2016) com base em MOTA; CARDOSO (2013, inédito)).

Segundo Teyssier (1980, p. 80-81), “em posição pretônica, o brasileiro conservou o antigo timbre de *e* e *o* dizendo *pegar* com [e] e *morrer* com [o]. A realização dessas pretônicas, fechada no Centro-Sul, é aberta no Norte e no Nordeste”. É notório ressaltar, no entanto, o equívoco de defender que a presença de uma vogal implica a exclusão da outra, sobretudo nas localidades que integram a Região Norte já que “mesmo os relatos mais antigos sobre as pretônicas nordestinas revelam realizações fechadas ao lado das abertas” (SILVA, 1991, p. 320).

Em entrevistas que integram o *corpus* NURC/RJ da década de 1970, Yacovenço (1993) analisa a manutenção, o alteamento e o abaixamento na fala culta carioca. Embora forneça essa perspectiva mais abrangente do comportamento das médias pretônicas, em sua amostra, prioriza a determinação dos fatores influentes para a retenção do timbre fechado no dialeto. Tal preferência se justifica na hipótese de que a regra de manutenção é “a norma-padrão da comunidade culta carioca”, podendo ser relacionada “a uma tentativa de restauração do sistema linguístico, (...) que estaria ligada a uma tentativa de os falantes cultos aproximarem sua pronúncia da grafia oficial” (YACOVENÇO, 1993, p. 172).

O confronto entre as práticas orais de homens e mulheres, residentes das zonas norte, sul e suburbana, distribuídos igualmente entre jovens, meia idade e idosos parece corroborar essa defesa. Mais precisamente, os dados revelam que

a faixa etária referente aos jovens, os informantes do sexo feminino e os residentes na zona norte são os que mais favorecem a regra de manutenção, quando contraposta à de alteamento. Por outro lado, os informantes do sexo masculino e os moradores da zona sul são os que mais inibem essa regra. (YACOVENÇO, 1993, p. 173)

Entre as 4.189 ocorrências encontradas, há o predomínio de vogais orais, sendo as anteriores mais frequentes do que as posteriores. Em virtude dos propósitos desta seção, serão enfatizados apenas esses dados, que correspondem a 78% da amostra total de Yacovenço (1993) e incluem 3.258 exemplos de manutenção e alçamento da média pretônica.

Pode-se dizer que, entre as vogais orais, verificam-se índices superiores de manutenção do timbre médio (63.8%), em detrimento das realizações de vogal alta [i u] (32.9%). Nesse último grupo, percebe-se que a regra se aproxima ou ultrapassa os 90% de aplicação em ambientes em que a vogal anterior inicial é travada por /S/ (89.2%), quando a vogal integra a forma *des-*, prefixal ou não, (87.5%) e, ainda, dos contextos em que é precedida por consoante africada (100%). Abstraídos esses dados, a variável que mais se destaca é o tipo de vogal presente na sílaba acentuada da palavra. Segundo Yacovenço (1993, p. 96), este grupo de fatores “é importante para a atualização das regras variáveis, posto que está relacionado à regra de harmonização vocálica, isto é, à influência da vogal tônica sobre a pretônica.”

No que tange a esse aspecto, o comportamento das vogais anterior e posterior contrasta quanto ao alçamento: em favor da aplicação em /E/, atuam tanto a alta homorgânica (.74) quanto a não homorgânica (.72); enquanto em /O/ decorre, principalmente, da presença de uma vogal tônica não homorgânica [i] (.71). A retenção da vogal média anterior parece resultar, todavia, de segmentos de mesmo timbre (.59) e baixos (.54), respectivamente. Na série recuada, também se destacam as vogais baixa (.66), alta homorgânica (.57) e médias (.51).

Assim, seus dados comprovam “que as vogais médias pretônicas apresentavam três realizações, cada uma delas obedecendo a uma das regras variáveis, que são a de abaixamento, a de alteamento e a de manutenção. Constatou-se que esta última era a mais frequente” (YACOVENCO, 1993; p. 172) e que

se refere a um estágio de estabilização da língua, não estando, conseqüentemente, em um processo de evolução ou regressão, posto que os jovens são os que mais usam esta regra, ao passo que o grupo dos intermediários e o dos idosos apresentam índices próximos, porém mais baixos que o dos jovens. (p. 173)

Como se esclareceu no início deste trabalho, as análises desenvolvidas partem dos preceitos da Sociolinguística Histórica. Portanto, ponderados esses aspectos, ressaltam-se, a seguir, alguns pressupostos básicos dessa vertente teórico-metodológica e esclarecimentos sobre o desenvolvimento desta pesquisa, visando a promover o devido tratamento dos *corpora*.

2. Sociolinguística Histórica

Ao longo de sua história, os seres humanos organizaram seus conhecimentos acerca da realidade, criando conceitos, técnicas e métodos em todas as disciplinas que, hoje, dizem respeito à representação do saber. Segundo Foucault (1970, p. 27-32), todas as ciências, sobretudo, as humanas, sofrem influência direta ou indireta do contexto sócio-político-econômico em que se instauram, variando de acordo com a realidade supracientífica que lhes cerca e determina.

No que tange às línguas naturais, recuperar a linguagem dentro de sua dimensão real de aplicação contribui para o desenvolvimento científico, uma vez que o ser humano só existe imerso em sua historicidade (cf. FOUCAULT, 1966, p. 228-232). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se verificam estudos mais favoráveis à análise das condições gerais de existência, para quem a história não indicaria nada além do desenvolvimento da linguagem mediante leis fixas (cf. SCHLEICHER, 1821-1868), há correntes que priorizam a influência pragmática.

Interpretando a língua como “um sistema de puros valores que nada determina para o estágio atual de seus termos” (SAUSSURE, 1915, p. 101), considera-se Saussure o precursor da separação entre esses métodos de estudo. Segundo o estudioso, a linguística sincrônica estudaria a linguagem como um complexo de simultaneidades, analisando estados de língua, independentemente de seu tempo. Por outro lado, a vertente diacrônica focalizaria a ação do tempo, entendendo que a evolução de uma língua reflete sucessões, momentos diferentes que se cruzam, ainda que essas relações não estejam claras na mente humana.

A proposta saussuriana recebeu inúmeras críticas ao longo do século XX, principalmente por que aludia à substituição de uma perspectiva histórica por uma análise estritamente descritiva; e por que a relação entre a extensão de distinções metodológicas viáveis e a definição do objeto de estudo poderiam prejudicar sua natureza e restringi-lo a uma variedade de aspectos isolados. Mais precisamente, a interpretação sincrônica da língua como um sistema coerentemente estruturado de forma homogênea em estados autônomos ao longo do tempo dificultava a compreensão da transição entre estágios linguísticos distintos, limitando-a às rupturas assistemáticas dessa homogeneidade.

Dentre outros críticos ao pensamento dicotômico de Saussure, destaca-se Coseriu, que em 1978 sugere que caracterizar sincronia e diacronia como termos dicotômicos conduz: i) a uma visão equivocada de um estado de língua com seu conjunto ou essência; ii) à extensão indiscriminada da ideia de que esta é um sistema já pronto; e iii) à separação entre língua e fala, que culmina com o predomínio, durante décadas, de estudos sobre a primeira em detrimento da segunda. Em outras palavras, separar as modalidades escrita e falada de uma língua parece encobrir a natureza evolutiva da linguagem. Se a linguagem só deve ser entendida como um contínuo processo de criação, a perspectiva histórica contribui significativamente no conhecimento de sua realidade dinâmica, pois observa os

fatos em seu desenvolvimento e integra, em uma mesma visão, esse desenvolvimento e o seu funcionamento *a posteriori*.

Sendo assim, a única maneira de confirmar a dinamicidade da língua enquanto sistema é situando a diacronia e a sincronia em um mesmo plano histórico de linguagem (cf. GIMENO, 1983, p. 188), pois

a concepção das línguas particulares como diassistemas, própria da reação do funcionalismo europeu contra os modelos teóricos baseados na homogeneidade da comunidade de fala, atende às diferenças temporais, geográficas, sociais e situacionais, manifestadas dentro de um repertório linguístico, ou ao longo de sua evolução, mediante a observação e a análise da heterogeneidade ordenada. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 30)

Em outras palavras, a comunicação entre indivíduos com estilos específicos, condicionados por suas marcas subjetivas ou sociais (sexo, idade, faixa etária, profissão, etc), é fundamental para a existência real da linguagem, posto que a coloca em funcionamento na interação comunicativa, promove a mudança na coletividade e contribui para a permanente reconstrução que lhe é essencial (cf. COSERIU, 1978, p. 282). Se as línguas vivas mudam justamente porque não estão prontas, mas se constroem continuamente em cada atividade comunicativa, tais mudanças podem ser consideradas “respostas complexas a um grande número de aspectos do comportamento humano” (LABOV, 1972a, p. 213). Elas se originam e se desenvolvem em situações de heterogeneidade linguística e determinadas formas competem durante períodos de tempo, até que uma se sobreponha à outra (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Assim, tendo em vista o papel que as interações sociais exercem na implementação de uma mudança, a Sociolinguística se desenvolve enquanto teoria geral que detalha a transição entre estágios de língua distintos, definindo que fatores sociais estão envolvidos e quais os seus efeitos na estrutura linguística focalizada. Trata-se de um pensamento teórico-metodológico que supera ou complementa a visão intrassistêmica, interpretando a mudança como resultado da variação ou da heterogeneidade ordenada da língua e de certos fatores extralinguísticos que atuam para promovê-la ou bloqueá-la. Como uma de suas vertentes, a Sociolinguística Histórica visa, portanto, a resolver os problemas históricos e teóricos da mudança linguística, isto é, a “diluir os limites entre sincronia e diacronia” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 77), buscando enquanto metodologia, “a combinação de observações sobre o comportamento das mudanças em curso e o estudo das mudanças conhecidas, verificadas e estudadas pela história das línguas” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 77) existentes.

Desvendar estas causas é uma tarefa assaz complexa, em virtude, sobretudo, da sobrevivência de amostras coerentes com os propósitos da análise e do desvelar dos perfis sociais dos informantes e dos contextos em que os originais foram produzidos. A esse respeito, Hernández-Campoy *et alli* (2012) descrevem sete problemas metodológicos com os quais o linguista se depara ao realizar uma análise histórica quantitativa, salientando que o aparente rigor da proposta variacionista também padece destas e/ou de outras limitações. Segundo o autor, apesar de dados linguísticos do passado serem valorizados por sua sobrevivência ao tempo e ao espaço, padecem de problemas como a falta de representatividade, a validade empírica dos materiais, a invariação, a legitimidade, a origem ou autoria dos textos, a validade social e histórica e a influência do padrão ideológico. Cabe, portanto, ao pesquisador, assegurar o melhor tratamento do material que possui, porque certos aspectos de um fenômeno linguístico só são desvendados quando resgatamos sua evolução na história de um sistema de comunicação. Dessa forma, o trabalho com sincronias passadas pode fornecer informações relevantes, não só sobre a trajetória de certas mudanças, mas também, sobre o perfil de informantes, auxiliando na reconstrução e compreensão de realidades sociolinguísticas obscuras. Por isso, ainda que dados históricos verdadeiros sejam classificados como ruins em diversos aspectos, “preferimos dar ênfase a fazer o melhor uso dos dados avaliados” (NEVALAINEN; RAUMOLING BRUNBERG, 2003, p. 26).

3. Metodologia

Conforme se esclareceu nas seções anteriores, este trabalho focaliza aparentes desvios grafemáticos nas vogais médias pretônicas em cartas pessoais escritas na década de 1930, considerando os casos de alçamento, abaixamento, apagamento e ditongação em ambas as séries.

Trata-se de um estudo qualitativo que almeja verificar se: i) as ocorrências encontradas se relacionam a processos observados na fala do PB atual; e ii) de fato, se distanciavam dos modelos de escrita predominantes na

década de 1930. Para tanto, em um primeiro momento, os dados foram levantados com base nos padrões ortográficos atualmente vigentes, e buscou-se explicar, sempre que possível, sua realização, tendo em vista condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, à semelhança de análises variacionistas sobre o tema no PB moderno (cf. seção 1.2). Posteriormente, a fim de verificar se os aparentes desvios encontrados se afastavam de fato dos modelos de escrita que circulavam na década de 1930, julgou-se conveniente investigar, também, a grafia de cada um dos itens que integram o *corpus* em jornais que circulavam no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1930 e 1940, disponíveis em <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Entre os diversos periódicos que compõem o acervo, escolheram-se as notícias veiculadas em *A Batalha* e *Jornal do Brasil*, com base na maior proximidade entre as datas de divulgação das notícias e das missivas; e na ocorrência dos itens que integram as cartas do casal. Alguns dados não foram encontrados e a presença de cópias ilegíveis e de registros de palavras na busca eletrônica que não coincidem com o texto das imagens não permitiram que se realizasse o devido levantamento de cada uma das palavras que a amostra original abrange. No entanto, ainda que a análise dos periódicos possa ser considerada superficial, sugere-se que a comparação entre os registros indique o grau de contato dos missivistas com padrões ortográficos de sua época.

Dessa maneira, aliando critérios para o estudo da pauta pretônica em diferentes sincronias do PB (cf. seção 1), acredita-se que: i) à semelhança da oralidade, as ocorrências de elevação se expliquem a partir de condicionamentos linguísticos e/ou extralinguísticos; ii) os casos de abaixamento sejam motivados, principalmente, por hipercorreção; iii) o apagamento decorra do conflito entre a pouca habilidade dos autores com a escrita e a agilidade que certos momentos exigem; iv) próximos ou não da oralidade, os registros encontrados possam não ser necessariamente desvios, mas refletir a escrita da época; e v) em se tratando de um casal de missivistas, o confronto entre a escrita da noiva e do noivo comprove o maior contato deste com uma escrita padronizada.

Defende-se, enfim, que a alternância <e> ~ <i>, <o> ~ <u> na pauta pretônica decorra do sexo dos informantes, da presença ou ausência de uma vogal alta na estrutura da palavra, do contexto de hiato e, no que concerne à série anterior, da posição inicial em sílabas travadas por /S/ e /N/. Em contrapartida, provavelmente os casos de abaixamento refletem uma confusão com outras formas linguísticas do mesmo paradigma ou não, que culmina em hipercorreções. Em suma, espera-se que a equivalência ou o distanciamento das redações das missivas e dos jornais focalizados forneça informações mais precisas sobre o perfil dos missivistas em destaque e/ou confirme aquelas que se descrevem adiante.

O *corpus* e o perfil dos informantes

Este estudo se pauta em uma amostra composta por 96 missivas particulares escritas por um casal de noivos do Estado do Rio de Janeiro. Dessas, 29 são de autoria da noiva (MRC), a maioria delas remetidas do município de Petrópolis, e 68 redigidas pelo noivo (JOS) na cidade do Rio de Janeiro.

As poucas informações disponíveis sobre os missivistas são extraídas dos já mencionados estudos de Silva (2012; 2013) (cf. seção 1.1) que traçam o perfil desses indivíduos a partir “da análise da estrutura das cartas, do conteúdo temático, das propriedades da escrita referentes à grafia e da organização do próprio texto” (p. 80) por se tratar de um *corpus* descoberto em uma lixeira pública de um bairro situado no subúrbio do Rio de Janeiro. Segundo Silva (2013, p. 80),

a noiva MRC era mãe solteira e tinha dois irmãos e uma irmã. MRC residia em Petrópolis com sua irmã que tinha dois filhos. Os seus irmãos moravam com os pais na capital, na Rua São Francisco Xavier, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O fato de MRC ter uma filha não agradava à mãe de seu noivo JOS. Ele trabalhava em uma empresa de importação e exportação de produtos têxteis situada na Rua Buenos Aires, 160, no Centro da então capital federal. Por morar em um bairro localizado no subúrbio da cidade, JOS costumava se deslocar para o trabalho por meio de bonde e tinha como hábito ir à igreja da Penha.

Considera-se, assim, esta amostra peculiar por representar “o discurso de pessoas comuns em sua vida cotidiana” (SILVA, 2013, p. 80), e revelar uma saliente distinção entre os graus de letramento dos missivistas e o domínio formal de modelos de escrita. Como sugere o trecho transcrito abaixo, nas cartas de MRC predominam “desvios ortográficos, ausência de sinais de pontuação e forte insegurança da missivista no reconhecimento do limite vocabular das palavras” (p. 81).

trite de voçe brigar no escritório eu pesso-te para ficares mais calmo , manda-me dizer por que voçe brigou co-m Snr Mario . Eu talvez vou menbora no dia 4 de Outubro si não for vou só no dia 17 por causa do aniversário da minha irman si eu ficar a te o dia 17 eu queria que voçe vieçe ou traveis a qui por que eu não suporto tanto tempo de sau-dades tuas podes vir no dia 4 no tren das 8 horas e ires no tern das 4 horas da tarde para não ficares muito cançadinho . Eu tive um sonho com voçe e tua mãe mais não foi muito bom foi do dia 21 para o dia 22 . Jayme manda-me dizer se a tua mãe falou au guma coisa com voçe au meu respeito . Abraços da minha irman dos meus sobrinhos e Ismenia e da Hilda beijos para voçe e da tua noi-vinha trite mil beijo e abraços (MRC/JOS – 22/09/1936)

Já na escrita de JOS, não se apresentam tantos desvios grafemáticos e há “o emprego de palavras que remetem a um discurso mais poético com uma escolha vocabular mais expressiva”(p. 81):

A ti minha querida que dedico todo o meu amor e a minha existencia tú és a soberana do meu coração , tú és a santa que sempre há de aliviar-me com teu amor nas horas angustiosas de meu amor . a ti é que depositei toda a minha confiança , em ti é que vi que estava preso o meu futuro , e de ti que espero toda a minha felicidade . (JOS/MRC – 06/10/1936)

Ressaltados esses fatores, as próximas seções comentam, enfim, os casos de elevação, abaixamento, apagamento e ditongação das vogais médias pretônicas presentes nas missivas, estabelecendo, sempre que possível, relações entre as ocorrências encontradas e outros resultados sobre o mesmo fenômeno na oralidade do PB atual (cf. seção 1.2). Traçam, também, comparações entre a escrita dos missivistas e aquela que se empregava na época, através dos registros de dois jornais que circulavam pela cidade do Rio de Janeiro, no mesmo período.

4. Análise dos Dados

Em linhas gerais, foram encontrados 62 casos de variação na pauta pretônica nas cartas consideradas, estando 27 nas missivas do noivo (JOS) e 35 nas da noiva (MRC). Se comparado aos dados de uma análise variacionista, esse número pode ser classificado como pouco ou nada representativo, mas, em se tratando de um material que sobreviveu por quase um século e foi escrito por um casal do subúrbio em seu cotidiano, considera-se a amostra relevante.

Em consonância com outras abordagens sobre o mesmo tema que postulam que, a depender da natureza da vogal, diferentes condicionamentos promovem a variação, separaram-se os dados por série para uma análise mais precisa. Embora se reconheça que o número de missivas de JOS é superior ao número de missivas de MRC (cf seção 3), a distribuição das variantes revela que, na série anterior, a alternância é mais recorrente na noiva (26 casos em contraste com 16 de JOS), enquanto na posterior, há uma pequena diferença entre eles, em favor de JOS: 11 casos contra 09 de MRC:

	Vogal Anterior					Vogal Posterior			
	Variantes				Total	Variantes			Total
	<i>	<e>	∅	<ei>		<u>	<o>	∅	
JOS	1	9	1	5	16	9	2	-	11
MRC	17	9	-	-	26	3	4	2	9
Total	18	18	1	5	42	12	6	2	20

Tabela 01. Variação das vogais pretônicas anteriores e posteriores por missivista.

Para o devido tratamento dessas ocorrências, as seções futuras descrevem os casos encontrados, bem como os resultados do confronto entre as ocorrências das missivas consideradas e registros dos periódicos *A Batalha* e *Jornal do Brasil*, divulgados na década de 1930.

4.1 - A série anterior

Reiterando o exposto na última seção, na série anterior, a alternância entre os casos de alçamento e abaixamento, com o predomínio do primeiro processo em detrimento do segundo, foi mais saliente na grafia da noiva. Por outro lado, nas missivas do noivo encontram-se não só registros de variação entre <e> ~ <i>, em que se destaca a vogal média, mas também, casos de apagamento e ditongação.

Informantes	Vogal Anterior				Total	Registros
	Variantes					
	<i>	<e>	∅	<ei>		
JOS	1	9	1	5	16	creado, creamos, creatura, igreja, enesquecível (3), enfinda, escretório, idal, passeiando, passeiar, pior (2), piorado, siquer
MRC	17	9	-	-	26	deficel, igreja, emchado, enportava, inteiro, entereca (2), intrega, iscondido, paciarnos, pasiar (2), passiares (2), (me)pediu (4), peor (3), persigindo, pidirão, pricisava, quirido, recibí (2)
Total de ocorrências	18	18	1	5	42	

Tabela 02. Casos de variação da vogal anterior por missivista.

A observação qualitativa das ocorrências indica uma relação entre os registros oral e escrito, já que, à semelhança da fala, a grafia revela que, em ambas as séries, encontram-se casos em que a elevação parece ser motivada pela presença de uma vogal alta na palavra:

Vogal contígua	Vogal Anterior		Total	Registros
	Informantes			
	Jayme	Maria		
Alta tônica	-	8	8	(me)pediu (4), persigindo, quirido, recibí (2)
Alta pretônica	-	2	2	pidirão, pricisava
Média/baixa tônica	1	6	7	intrega, paciarnos, pasiar (2), passiares (2), siquer
Média/baixa pretônica	-	1	1	iscondido

Tabela 03. Casos de alçamento da vogal anterior por tipo de vogal contígua e por missivista.

Além disso, as cartas de MRC apresentam itens cujo contexto seria favorável à elevação na oralidade (cf seção 1.2). É o caso de “paciarnos”(passearmos), “paciar”(2) (passear) e “paciares” (2) (passeares), em que o alçamento da média anterior ocorre em hiato e das formas “iscondido”(escondido) e “intrega” (entrega), em que a variante alta se apresenta em sílaba inicial travada por /S/ e /N/, respectivamente.

Há, por fim, a forma “siquer”(sequer) (1 ocorrência em JOS) que parece indicar uma confusão entre os pronomes “se” e “si”. Por se tratar de um registro do noivo, aventa-se a possibilidade de não necessariamente ser

um desvio subjetivo, mas de uma forma que circulava na época em outros textos de referência, hipótese que será melhor esclarecida ao final desta seção.

No que toca o abaixamento, foram encontradas 18 ocorrências (9 em cada um dos missivistas) de <e> em contextos em que a vogal atualmente empregada seria <i>. Todas parecem resultar de hipercorreções, porque na escrita dos dois informantes apresenta-se uma aparente confusão entre os prefixos <in> e <en> (MRC: “emchado”, “enportava”, “enteiro”, “enteressa” (2); JOS: “enesquecível” (3), “enfinda”); a palavra “igreja” escrita como “egreja” (1 ocorrência em cada autor); e casos de vogal média em lugar da alta em ambiente de hiato (MRC: 2 dados de “peor”; JOS: “creado”, “creamos”, “creatura”). Por fim, merecem destaque os itens “deficel” (difícil) e “escretório” (escritório) encontrados, respectivamente, nas missivas da noiva e de seu amado.

Em suma, encontraram-se, ainda, nas missivas do noivo casos de apagamento e ditongação como “idal”(ideal), “peior”(pior), “peiorado”(piorado), “passeiar”(passear) e “passeiando” (passeando). Acredita-se que o apagamento possa ser explicado pelo confronto entre o pouco domínio da escrita e a rapidez que lhe é inerente em certos momentos do cotidiano, enquanto a ditongação indique um momento transitório desses itens em nossa língua, como será melhor discutido, posteriormente.

Ponderados esses aspectos, o quadro adiante demonstra que as 16 ocorrências de JOS se distribuem em 13 itens, já que “enesquecível” e “peior” se repetem:

creado	creamos	creatura	egreja
enesquecível (3)	enfinda	escretório	idal
passeiando	passeiar	peior (2)	peiorado
	siquer		

Quadro 01. Itens lexicais variáveis na pretônica anterior registrados nas missivas de JOS.

Dessas 13 palavras, apenas “enfinda” e “idal” não apresentam registro variável nos jornais observados, o que indica que, embora sua grafia se distancie da norma padrão atual, não necessariamente diverge dos modelos em vigor na década de 1930.

REGISTRO	DATA DAS MISSIVAS	Oco.	REGISTROS EM JORNAIS DA ÉPOCA	
			<e>	<i>
creado (criado)	20-04-1937	1	“O Bureau de Imprensa, por s. ex. creado , é o pseudonymo elegante do proprio ministro(...)” (A Batalha – 16/01/1937)	“Precisamente nesse instante chegava um criado com duas chcaras de café.” (A Batalha – 3/04/1937)
			“Ele que tanto se elevou, que em pouco tempo tinha creado em nossas terras uma fisionomia nova e peculiar de romance, foi o interprete dos mediocres (...)” (Jornal do Brasil – 10/01/1937)	“Os parlamentares presos, que o ‘leader’ chamou de ‘infelizes’ estavam denunciados por um tribunal criado pela propria Camara.” (Jornal do Brasil – 05/01/1937)

creamos (criamos)	12-10-1936	1	<p>“Pelo facto de que o habito de julgar as cousas pelo estalão commum, séstro de orientar o pensamento, sem o examinar, nos tornam de facto escravos de nossos pensamentos, e já não os governamos, porque nelles creamos a cadeia onde temos encerrado o espirito.” (A Batalha – 08/09/1936)</p> <p>“De modo que não creámos encargos novos: apenas, reajustámos a situação do professorado (...)” (Jornal do Brasil – 12/11/1936)</p>	<p>“entre os espíritos que se communicam existe a mesma similitude de progresso dentro da materia tratada: visto como nada criamos por ser a criação atributo de Deus.” (A Batalha – 23/10/1937)</p> <p>“Criamos, assim, a industria da moagem, sem ter á mão de produção indigena a materia-prima nacional para abastece-la (...)” (Jornal do Brasil – 12/02/1936)</p>
creatura (criatura)	01-10-1936	1	<p>“A Marlene de ‘Desejo’ é uma creatura de Borzage.” (A Batalha – 2/07/1936)</p>	<p>“O desprendimento das cousas terrenas, a terra o faz uma criatura espiritualizada, (...)” (A Batalha – 5/08/1936)</p> <p>“Cada brasileiro não se satisfaz em julgar-se com aptidão para guiar o mundo, quer ser, no mundo, a única criatura capaz de o guiar.” (Jornal do Brasil – 03/01/1936)</p>
egreja (igreja)	28-09-1936	1	<p>“A missa solenne foi celebrada a convite do chefe da Egreja Catholica no Brasil.” (A Batalha – 19/07/1936)</p> <p>“mandou construir essa Egreja que é, sem favor, uma das mais sumptuosas da cidade.” (Jornal do Brasil – 04/01/1930)</p>	<p>“Do programma organizado constará além de um officio religioso a ser celebrado na Igreja de S. Bento, uma romaria ao seu tumulo.” (A Batalha – 26/07/1936)</p> <p>“A cerimonia religiosa será às 17 horas na Igreja de São Francisco Xavier.” (Jornal do Brasil – 10/01/1936)</p>
enesquecível (inesquecível)	15-03-1937 16-03-1937 08-03-1937	3	<p>“Palmira Mariano de Oliveira Santiago e filhos convidam aos parentes e amigos para assistir á missa de 30º dia por alma do seu enesquecível marido(...)” (Jornal do Brasil – 19/10/1938)</p>	<p>“Sua actuação tem se destacado e as ultimas festas realizadas asseguram para a de domingo, uma noite inesquecível” (A Batalha – 14/01/1937)</p> <p>“Ann Dvorak, que deixou de ser a companhia numero 1 de Muni, desde sua inesquecível intervenção em ‘Scarface’(...)” (Jornal do Brasil – 08/01/1937)</p>

				<p>“Muitas vezes nessa carreira infinda nunca chegamos ao fim da meta (...)” (A Batalha – 31/01/1937)</p>
infinda (infinda)	02-02-1937	1	-	<p>“Ela é um surto da vossa generosidade infinda, uma centelha da fulguração da vossa amizade pura e sincera(...)” (Jornal do Brasil – 04/02/1937)</p>
				<p>“A distribuição de todos os productos e sub-productos na Praça do Rio de Janeiro é perfeitamente controlada pelo Escretorio Central (...)” (A Batalha – 7/01/1937)</p>
escretorio (escritório)	08-03-1937	1	-	<p>“Oferece-se uma senhora portuguesa para arrumar por horas: apartamentos ou escritorios.” (Jornal do Brasil – 03/01/1937)</p>
				<p>“Precisa-se rapaz para limpeza e demais trabalhos de escretorio, apresentar-se com atestados.” (Jornal do Brasil – 05/10/1937)</p>
				<p>“São hostias expontaneas que se offertam ao soffrimento e á morte por um ideal de expiação.” (A Batalha – 1/07/1936)</p>
idal (ideal)	22-08-1936	1	-	<p>“No entanto, se ela quizesse (e mesmo sem pensar na solução ideal da eletrificação) poderia dar um grande impulso á vida daquelas serras.” (Jornal do Brasil – 04/01/1936)</p>
				<p>“De acção vertiginosa, de trama que não dá um instante sequer de descanso.” (A Batalha – 16/01/1937)</p>
sequer (sequer)	19-04-1937	1	-	<p>“O chefe do governo americano não procurou sequer esconder as preocupações (...)” (A Batalha – 19/01/1937)</p>
				<p>“Logo, porém, vários outros foram aparecendo, sem a menor preocupação de harmonia, sem o cuidado sequer de que não se prejudicassem reciprocamente no tocante á visão, ao ar e á luz.” (Jornal do Brasil – 16/01/1937)</p>
				<p>“Certo, êle não foi presidente da Republica, não exerceu cargos de ministro, não chegou, sequer, a uma cadeira do Parlamento.” (Jornal do Brasil – 10/01/1937)</p>

Tabela 04. Casos de variação na pretônica anterior registrados nas missivas de JOS e em jornais da década 1930⁴.

⁴ No acervo referente à década de 1930, não foram encontrados registros de “creatura” no *Jornal do Brasil* e “enesqueável” e “escretorio” em *A Batalha*. Além disso, nas edições disponíveis do *Jornal do Brasil* de 1930-1940 só há dados da palavra “escritório” em anúncios e da forma “egreja” em anos anteriores a 1936 e 1937.

No que concerne aos dados de ditongação encontrados nas missivas, verificou-se que a grafia de todos os itens varia nos periódicos analisados, apesar de os registros de hiato (“passear”, “passeando” e “peor”) prevalecerem.

REGISTRO	DATA DAS MISSIVAS	Oco.	REGISTROS EM JORNAIS DA ÉPOCA	
			<ei>	<e>
passeiando (passeando)	20-04-1937	1	“Deixando o microphone da estação de radio seguia para o centro da cidade passeiando a sua importância de novo christão.” (A Batalha – 15/05/1937)	“os olhos de Maria Mattos, talvez logo ao alvorecer estarão passeando (...)” (A Batalha - 23/03/1937)
			“Dadiani disse que o escoteiro ficava passeiando na ponte como costumava a fazer todas as noites (...)” (Jornal do Brasil – 20/07/1937)	“Viaja em 1845, na companhia do pai e da irmã, pela Suíça e Italia, passeando em Genebra.” (Jornal do Brasil – 28/03/1937)
passeiar (passear)	24-01-1937	1	“A seguir os visitantes setrão liberdade para descansar e passeiar .” (A Batalha – 18/05/1937)	“Quando chegava o dia dellas e o radio annunciava a sua irradiação, eu cedo, saia de casa a passear .” (A Batalha – 21/09/1937)
			“Esses cavalheiros estarão á disposição das senhoras, sem companhia, para passeiar (...)” (Jornal do Brasil – 20/01/1937)	“Um proprietario de um automovel querendo passear com um seu amigo ofereceu-lhe a direção do veiculo(...)” (Jornal do Brasil – 08/01/1937)
peior (pior)	21-09-1936 03-05-1937	2	“Não bastarão esses factos para recomendar-o á posteridade como o peior , o mais desastrado, (...) de quantos prefeitos tem tido a nossa capital?!” (A Batalha – 19/07/1936)	“Conforme declaração de seus moradores, a féra surgiu e, por alguns dias, assustou a todos; no entanto, desapareceu tornando-se peor .” (A Batalha – 8/07/1936)
			“O peior , no entanto, é que continuavam a grafar-se com ‘s’ final, com absoluta incoerencia (...)” (Jornal do Brasil – 03/01/1937)	“DETALHES DO JOGO – A peor partida ate’ agora.” (Jornal do Brasil - 17/01/1937)
peiorado (piorado)	13-09-1936	1	“As condições de vida do proletariado alagoano têm peiorado , nestes ultimos tempos.” (A Batalha – 13/09/1930)	“Na semana passada pareciam ter peorado as condições da perna direita, de Sua Santidade (...)” (A Batalha – 6/12/1936)
			“As cotações foram mantidas nos limites anteriores, sem que tivessem melhorado ou peiorado .” (Jornal do Brasil – 11/06/1935)	“A ultima revolução peorou a situação: a segunda teria peorado ainda mais.” (Jornal do Brasil – 16/05/1936)

Tabela 05. Casos de variação da pretônica anterior registrados nas missivas de JOS e em jornais da década 1930⁵.

⁵ Os únicos registros de “peiorado” encontrados nos arquivos do Jornal *A Batalha* datam de 1930 e do *Jornal do Brasil*, de 1935.

Atualmente, nesse contexto, apresentam-se hiatos na grafia e há uma tendência na língua oral a eliminar a fronteira silábica, seja pelo apagamento de um segmento, seja pela inserção de uma semivogal. Além disso, as formas “passeiando” e “passeiam” convivem com o item “passeio” em um mesmo paradigma, em ambos os *corpora*, o que pode acentuar a confusão ortográfica:

“para tua mãos não desconfiar voce dis que vai a um **passeio** com um colega” (MRC 28/09/1936)

“A sua realização será a 16 deste mez, feriado, e os trajes de **passeio**” (A Batalha – 10/07/1936)

“Estourou o pneu e o auto tombou sobre o **passeio**.” (Jornal do Brasil – 09/02/1937)

Dessa maneira, ainda que só tenham sido encontradas evidências de alçamento no item “pior”, os casos de ditongação parecem ilustrar a transição entre a forma de hiato e a alta na oralidade, registrada na ortografia atualmente vigente apenas em “pior” e “piorado”:

Peor ~ Peior ~ pior

Peorado ~ piorado ~ piorado

Passear ~ passeiar ~ pass[i]ar

Passeando ~ passeiando ~ pass[i]ando

Sobre esses itens e a palavra “igreja”, o *Jornal do Brasil* de 12/01/1936 traz evidências que confirmam um momento de variação e transição linguística, quando alega: “estaria no mesmo caso **pior** que eu peço licença para não subscrever: ouso gatafunhar **peior** ou **peor**. Entendo o “e” não caiu, como o de *eigreja* (*igreja*).⁶”

Apesar da legítima coincidência lexical que se apresenta entre as missivas dos noivos, as variantes encontradas são distintas na maioria dos itens recorrentes. Como se verifica no quadro adiante, os 26 dados de MRC foram extraídos de 18 itens lexicais diferentes, já que as formas “entereça” (interessa), “passiar” (passear), “passiaries” (passeares), “peor” (pior), “(me)pidiu” (pediu) e “recibi” (recebi) se repetem:

deficel	egreja	emchado	enportava
enteiro	entereça (2)	intrega	iscondido
(me)pidiu (4)	paciarnos	passiar (2)	passiaries (2)
peor (3)	persigindo	pidirão	pricisava
	quirido		recibi (2)

Quadro 02. Itens lexicais variáveis na pretônica anterior registrados nas missivas de MRC.

Como ilustra a tabela 06, o confronto entre esses dados e os de jornais da época revelou que das 18 palavras, 5 apresentam variação grafemática. Apenas em 4 delas, entretanto, há equivalência entre os *corpora*. É o caso de “inchado” (“emchado”), “recebi” (“recibi”) e “igreja” (“egreja”), em que se verificam registros de <e> e <i> nos jornais e de “pior” (“peor”) em que os processos de abaixamento, ditongação e alçamento parecem coatuar. Diferentemente das redações de MRC, nos periódicos parecem predominar, todavia, as variantes “inchado” e “recebi”, enquanto em “pior” e “igreja”, as formas “peor” e “egreja” se destacam em ambas as amostras.

⁶ Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&PagFis=71854&Pesq=ideal> (Acesso em 30 de junho de 2014).

REGISTRO	DATA DAS MISSIVAS	Oco.	REGISTROS EM JORNAIS DA ÉPOCA	
			<e>	<ei> e <i>
defiçel (difícil)	14-02-1937	1	-	<p>“Seria <i>difícil</i>, senão praticamente impossível, tolher de todo ao Legislativo, a pratica de actos propriamente administrativos(…)” (A Batalha – 06/01/1937)</p> <p>“O inimigo refugiou-se na ermida de Santa Cruz, onde se encontra em situação <i>difícil</i>(…)” (Jornal do Brasil – 21/08/1937)</p>
egreja (igreja)	29-09-1936	1	<p>“Como falou no encerramento do Congresso Parochial de Acção Social Catholica, na <i>Egreja</i> de Madureira, o Presidente da A.B.I.” (A Batalha – 08/07/1936)</p> <p>“A cerimonia de hontem que consistiu na missa solemne, mandada celebrar às 9 horas, na <i>Egreja</i> de Santo Ignácio(…)” (Jornal do Brasil – 08/01/1932)</p>	<p>“Na <i>Igreja</i> acima, estiveram presentes, o sr ministro da Guerra, o commandante de aviação, officiaes do Exercito e da Marinha, famílias e amigos dos jovens mortos.” (A Batalha – 16/07/1936)</p> <p>“Destrói a <i>Igreja</i> e provê educação.” (Jornal do Brasil – 25/02/1936)</p>
emchado (inchado)	16-02-1937	1	<p>“Shmeling ainda está com o olho <i>enchado</i>, proveniente da luta.” (A Batalha – 08/07/1931)</p>	<p>“De fígado <i>inchado</i> pelo amargoso da subtil resposta de Juiz de Fôra, o sr José Americo indaga (...): Donde vem o dinheiro?” (A Batalha – 24/08/1937)</p> <p>“Punções feitas em joelhos, cotovelos, punhos <i>inchados</i>, dolorosos, em pernas inchadas, etc, encontrou-se no respectivo liquido, a mesma porção de acido urico que se encontra no sangue circulante normal.” (Jornal do Brasil – 07/08/1937)</p>
enportava (importava)	05-10-1936	1	-	<p>“Manifestaram-se favoraveis a Frente Unica, 23 dos presentes á reunião, fazendo entretanto a resalva de que essa attitude não <i>importava</i> em apoio ao Octologo.” (A Batalha – 27/11/1936)</p> <p>“O outro, o marido que ela já havia abandonado, pouco lhe <i>importava</i>.” (Jornal do Brasil – 12/02/1936)</p>
enteiro (inteiro)	22-09-1936	1	-	<p>“Elles tiraram lá na Russia e querem tirar no mundo <i>inteiro</i>, os grandes do poder (...)” (A Batalha – 02/07/1936)</p> <p>“A busca será cobrada por <i>inteiro</i> se a parte não indicar a data precisa (...)” (Jornal do Brasil – 01/09/1936)</p>

entereca (interessa)	10-09-1936	2	-	<p>“E não é mais o poderio italiano a dominar a parte rica do territorio africano que interessa os estadistas reunidos em Genebra.” (A Batalha – 02/07/1936)</p> <p>“O conhecimento dessa decisão interessa de perto a todos os estudantes do Brasil.” (Jornal do Brasil – 12/12/1936)</p>
intrega (entrega)	12-01-1937	1	-	<p>“Foi o que me explicou um notavel causídico que nas horas vagas se entrega á defesa da liberal democracia.” (A Batalha – 05/01/1937)</p> <p>“O Sr. Ministro da Espanha (...) comunicou ao Ministro dos Negocios Estrangeiros da Suecia, que depois da publicação feita nos jornais sobre a entrega de credenciais (...) já não estava disposto a deixar a legação.” (Jornal do Brasil – 10/01/1937)</p>
iscondido (escondido)	29-09-1936	1	-	<p>“Brito foi escondido a bordo do ‘Neptunia’ – A policia esteve em seu encaço.” (A Batalha – 10/10/1936)</p> <p>“O resto de tesouro de Queich continua escondido.” (Jornal do Brasil – 09/02/1936)</p>
(me)pidiu ([me] pediu)	14-09-1936 01-10-1936 16-02-1937	4	-	<p>“O surpreendente delegado pediu um elogio para os seus auxiliares(...)” (A Batalha – 01/07/1936)</p> <p>“Se o Sr Prefeito pediu e a Camara dá e depois o S.Ex. veta, ficamos num dilemma.” (Jornal do Brasil – 22/07/1936)</p>
paciamos (passearmos)	22-09-1936	1	-	<p>“Quero que venha qualquer Domingo aqui em casa, para passearmos bastante (...)” (Jornal do Brasil 10/10/1937)</p>
pasiar (passear)	05-10-1936	2	-	<p>“Varias reuniões foram realizadas e por fim, cinco felizardos, ás escondidas, se escolheram para passear na capital allemã.” (A Batalha – 14/08/1936)</p> <p>“Vós podeis obrigar-os a cumprir o seu dever, que é defender a Hespanha, e não passeiar.” (A Batalha – 01/09/1936)</p> <p>“Os leitores que não saem de casa e que nunca afrontaram a floresta da Tijuca gostam de passeiar pelas florestas da India.” (Jornal do Brasil – 16/02/1936)</p> <p>“Toca a divertir e a passear no Rio que isto é que é vida.” (Jornal do Brasil – 09/01/1936)</p>

pasiare (passeares)	07-10-1936 28-01-1937	2	-	-
peor (pior)	19-01-1937 08-03-1937	3	<p>"Mas em logar da morte encontra coisa peor: o desprezo!" (A Batalha – 31/01/1937)</p> <p>"O governador de Kentuck declarou que esta é a peor catastrophe que já sofreu o seu Estado." (Jornal do Brasil – 24/01/1937)</p>	<p>"O chronista Marine após o jogo classificou esta peleja como a peior do Sul-Americano." (A Batalha – 17/01/1937)</p> <p>"Os descontentes, porém, que não se zanguem e recorram para a fácil e acomodaticia filosofia do 'podia ser pior'" (Jornal do Brasil – 01/01/1937)</p> <p>"Não posso pôr isso em duvida, mas, se se puder provar o contrario, melhor ou peior, pouco importa." (Jornal do Brasil – 30/01/1937)</p>
persigindo (perseguido)	16-02-1937	1	<p>"Persequindo a bola, que era impulsionada pelas aguas, não percebendo o perigo, afastou se demais desaparecendo." (A Batalha – 20/02/1937)</p> <p>"Os tanks atravessaram a cidade persequindo o inimigo(...)" (Jornal do Brasil – 29/04/1937)</p>	-
pidirão (pedirão)	28-09-1936	1	<p>"Pedirão demissão os actuaes membros da Commissão Mixta de Tabellamento?" (A Batalha – 23/07/1936)</p> <p>"Nessa mensagem os juvenilistas brasileiros pedirão o apoio da mocidade chilena (...)" (Jornal do Brasil – 07/01/1936)</p>	-
pricisava (precisava)	12-01-1937	1	<p>"A chronica carnavalesca de 'A BATALHA' não precisava fazer esta declaração." (A Batalha – 13/01/1937)</p> <p>"Quando quis ser senador, o monarca pediu-lhe que desistisse, pois precisava dele para ministro." (Jornal do Brasil – 24/02/1937)</p>	-
quirido (querido)	06-10-1936	1	<p>"Numeros especiaes pelo primeiro comico daquelle theatro, o querido actor Danillo de Oliveira." (A Batalha – 09/07/1936)</p> <p>"O violão era um companheiro querido antes de haver penetrado no palácio da governo pela mão generosa de uma presidenta boemia." (Jornal do Brasil – 20/02/1936)</p>	-

recibí (recebi)	14-09-1936	2	<p>“Procurado ha dias em meu gabinete, pelo sr Romero Zander, ali o recebi com a consideração devida ao seu mandato e ás suas altas qualidades de homem e de profissional.” (A Batalha – 15/07/1936)</p> <p>“E aquele dia 17 de abril quando recebi essa sentença terrível, parecia destinado a me torturar a alma.” (Jornal do Brasil – 02/02/1936)</p>	<p>“Esses actos governo combate vícios mereceram applausos todas as classes inclusive imprensa, destacando-se expressivos telegrammas que recibi(...)” (A Batalha – 28/12/1937)</p> <p>-</p>
---------------------------	------------	---	--	---

Tabela 06. Itens lexicais com a variação na pretônica anterior registrados nas missivas de MRC e em jornais da década 1930⁷.

Nos demais vocábulos, a grafia registrada em *A Batalha* e *Jornal do Brasil* difere da encontrada nas missivas da noiva, sugerindo que sua escrita se distancie dos padrões de referência na sincronia focalizada. Nota-se a saliente proximidade entre a oralidade do PB atual e a escrita da missivista em “intrega” (entrega), “iscondido” (escondido), “(me)pidiu” ([me] pediu), “paciarnos”, (passarmos), “persigindo” (perseguindo), “pidirão” (pedirão), “pricisava” (precisava) e “quirido” (querido). Por outro lado, a insegurança com relação ao que se estipulava como modelo ortográfico parece resultar em hipercorreções, posto que em “enportava”, “enteiro” e “entereça” grafa-se com <e> o que os jornais assinalam com <i>.

Finalmente, mesmo que a variante “pasiars” não tenha sido encontrada nos periódicos destacados, como se constatou nas missivas do noivo, os registros das formas “passeiar”, “passear”, “passarmos” indicam que a norma da época parecia oscilar entre <e> e <ei> nesses contextos, ocorrendo, provavelmente, no segundo caso, uma associação com o item “passeio”. Divergindo de ambas as formas, a grafia de MRC novamente parece-se submeter a padrões orais, já que o alçamento é considerado categórico no PB atual em hiato (cf. seção 1.2) e a redatora assinalou “pasiar”, “paciarnos” e “pasiars”.

4.2 - A série posterior

À semelhança do descrito sobre a vogal média anterior, a principal motivação para o alçamento de <o> nas missivas parece ser o processo de harmonia vocálica, pois em 8 dos 12 casos de elevação, a vogal subsequente é alta:

Vogal Contígua	Vogal Posterior		Total	Registros
	Informantes			
	Jayme	Maria		
Alta tônica	7	1	8	durmi (2), durmia, durmir (3), furtuna, chuva
Alta pretônica	-	-	-	-
Média/baixa tônica	2	2	4	durmente (2), chuveu, duer
Média/baixa pretônica	-	-	-	-

Tabela 07. Casos de alçamento da vogal posterior por tipo de vogal contígua e por missivista.

⁷ No acervo referente à década de 1930, não foram encontrados registros de “enchado” no *Jornal do Brasil* e o único caso encontrado em *A Batalha* data de 1931. Além disso, não há registros de “passarmos” nos arquivos do *Jornal A Batalha* desse mesmo período.

Além disso, em uma das missivas de MRC, se apresenta o item “duer” (doer) em que a vogal <u> se encontra em contexto de hiato, ambiente que, como foi apontado na última seção, é considerado, atualmente, categoricamente favorável à elevação na oralidade em diversos estudos variacionistas. Nas mesmas missivas, há, por fim, as formas “Chuveu (choveu) / chuvia (chovia)” (2 ocorrências) que indicam uma confusão com outras de um mesmo paradigma, sendo o item “chuva” a possível referência.

No que toca o abaixamento na série posterior, listaram-se 6 ocorrências, estando 4 presentes nas missivas da noiva (“sepoder” – se puder –, “podece/podeçe” – pudesse) e 2 nas do noivo (“logares” – lugares e “poder” - puder). À exceção do item “logares”, todos os demais dados remetem ao paradigma do verbo “poder”, considerado tradicionalmente como irregular, posto que em sua conjugação algumas formas sofrem alomorfia do radical. Os desvios grafemáticos se apresentam justamente nos contextos em que o uso da variante alta seria atualmente sugerido, indicando uma aparente hipercorreção por analogia com a forma infinitiva.

Por fim, destaca-se, ainda, o apagamento registrado em “portunidade” (oportunidade) na grafia de MRC que, assim como o exposto para JOS, parece indicar a pouca habilidade da missivista em “dominar a pena”.

Apontados esses aspectos, a análise dos itens lexicais demonstra que as 11 ocorrências de JOS se distribuem em 7 palavras, sendo 4 delas formas distintas de um mesmo paradigma:

durmente (2)	durmi (2)	durmia
durmir (3)	furtuna	logares
	poder	

Quadro 03. Casos de desvios ortográficos na pretônica posterior registrados nas missivas de JOS.

Dessas 7 palavras, apenas os registros de “furtuna” e “logares” oscilam nos jornais que circulavam na época, sendo a primeira ocorrência menos frequente e encontrada em contexto equivalente ao das missivas, apenas no *Jornal do Brasil*, já que, em *A Batalha*, “Furtuna” ocorre somente como sobrenome (Albertinho **Furtuna**). Por outro lado, “logares” parece ser recorrente na época, já que, à semelhança das missivas, essa grafia se superpõe à forma “lugares” nos jornais considerados.

REGISTRO	DATA DAS MISSIVAS	Oco.	REGISTROS EM JORNAIS DA ÉPOCA	
			<o>	<u>
durmente (dormente)	24-01-1937	2	“O dormente arrombou o electrico, fracturando a perna de um passageiro.” (A Batalha – 19/07/1936)	
	16-03-1937		“Era um caus dormente de mil princípios fecundos, que não sabiam como se manifestar (...)” (Jornal do Brasil – 28/03/1937)	-
durmi (dormi)	21-09-1936	2	“Muitas vezes me alimentei de amendoim e dormi sobre os bancos dos parques publicos.” (A Batalha – 15/09/1937)	
	13-04-1937		“Eu não dormi a noite passada.” (Jornal do Brasil – 02/02/1936)	-

durmia (dormia)	13-09-1936	1	<p>"Dormia ao relento e á caridade humana, de vez em quando lhe dava uma esmola para o seu sustento." (A Batalha – 14/08/1936)</p> <p>"Dormia pouco, orava muito e consagrava-se ao estudo com singular afinco." (Jornal do Brasil – 16/02/1936)</p>	-
durmir (dormir)	24-01-1937 23-02-1937 2-03-1937	3	<p>"Os larapios penetram em seguida no quarto de dormir do Coronel Nascimento(...)" (A Batalha – 26/03/1937)</p> <p>"Aliás, a querida sociedade não vai 'dormir sobre os louros' pois para o dia 5 de novembro já se anuncia um novo espetáculo de teatro de amadores." (Jornal do Brasil – 29/10/1937)</p>	-
furtuna (fortuna)	2-03-1937	1	<p>"Mas se deseja a furtuna máxima que é a saúde, vá á rua Jorge Rudge, 112." (A Batalha – 25/07/1937)</p> <p>"O Conde Matarazzo que morreu, ontem, deixando uma furtuna avaliada em quinhentos mil contos, é a expressão da vitória do trabalho aliado espírito de iniciativa." (Jornal do Brasil – 11/02/1937)</p>	<p>"Da 'Radio Mayrink Veiga': Albertinho Furtuna (...)" (A Batalha – 23/08/1937)</p> <p>"O Dr. Roberto Baere nascido em casa provida e honrada, elegera o trabalho como ocupação para as suas condições suficientes de furtuna." (Jornal do Brasil – 21/10/1937)</p>
logares (lugares)	01-10-1936	1	<p>"Cogita-se, na Camara Municipal de admitir, promover e crear logares na Secretaria." (A Batalha – 08/07/1936)</p> <p>"Foi aberta na Diretoria Geral de Engenharia a inscrição para o concurso de provimento dos logares de praticante de oficial segundo as condições do edital publicado na secção competente." (Jornal do Brasil – 18/01/1936)</p>	<p>"Para o homem do Estado Novo o ser da situação não justifica nem a posse exclusiva dos lugares publicos, nem a violação das leis (...)" (A Batalha – 02/08/1936)</p>
poder (puder)	6-04-1937	1	-	<p>"Pergunte o que quiser e eu responderei o que puder..." (A Batalha – 26/03/1937)</p> <p>"A' vista disso, grito com todas as minhas forças enquanto ainda puder gritar." (Jornal do Brasil – 24/01/1937)</p>

Tabela 08. Casos de variação na pretônica posterior registrados nas missivas de JOS e em jornais da década 1930.

No que se refere a "durmente", "durmi", "durmia", "durmir" e "poder", os jornais considerados apresentam uma única grafia no mesmo período em que se redigiram as missivas, sendo no paradigma do verbo "dormir" empregada a vogal média <o>, ao passo que, no futuro do subjuntivo do verbo "poder", a vogal alta <u> seria adotada como norma. Como foi ressaltado no início da seção, acredita-se que a divergência entre esses registros e os do missivista resulte de um processo de hipercorreção, motivado pelo caráter irregular dos verbos "dormir" e "poder", cujo radical se submete à alomorfia em certas formas do mesmo paradigma.

Análogos comentários podem-se apresentar a partir dos registros de MRC. Os 9 dados de aparente desvio grafemático da vogal média posterior encontrados em suas cartas se encontram em 6 itens lexicais diferentes, já que as formas “podeçe”(pudesse) e “portunidade” (oportunidade) correspondem a mais de uma ocorrência cada:

chuveu	chuvia	duer
podeçe (3)	portunidade (2)	sepoder

Quadro 04. Casos de desvios ortográficos na pretônica posterior registrados nas missivas de MRC.

Como ilustra a tabela a seguir, 3 desses itens (choveu, chovia e pudesse) ora são grafados com a vogal média ora com a alta nos periódicos, coincidindo, em uma das variantes, com os registros da missivista observada. Ressalta-se, entretanto, a proximidade entre os padrões ortográficos do início do século passado e os atuais, posto que em meio à variação, as grafias “choveu”, “chovia” e “pudesse” se destacam.

REGISTRO	DATA DAS MISSIVAS	Oco.	REGISTROS EM JORNAIS DA ÉPOCA	
			<o>	<u>
chuveu (choveu)	29-09-1936	1	“Todavia não chuveu . (...)” (A Batalha – 24/09/1936)	“Hontem chuveu toda a tarde na Gavea.” (A Batalha – 02/04/1930)
			“Em algumas localidades do interior chuveu também bastante.” (Jornal do Brasil – 04/01/1936)	“O tempo nas 24 horas decorreu nublado, salvo em algumas localidades onde chuveu .” (Jornal do Brasil – 13/11/1936)
chuvia (chovia)	11-10-1936	1	“Já não mais chovia e Ignacio convidou-o para permanecer na vizinha cidade (...)” (A Batalha – 21/07/1936)	“Fora chuvia , uma chuvinha miuda e impertinente...” (A Batalha – 02/12/1930)
duer (doer)	07-10-1936	1	“Rabisco o que sinto, dôa a quem doêr , agrade a quem agradecer.” (A Batalha – 09/12/1936)	-
			“Se a parede do intestino fosse de borracha, distendia-se sem doer .” (Jornal do Brasil – 27/02/1936)	

			<p>“Dado que fosse possível aceitar essa inverosímil, essa absurda hypothese – de que podesse eu ter ido á casa da do honrado Ministro do Tribunal de Contas (...)” (A Batalha – 14/08/1937)</p>	<p>“Afastou-se mais e foi procurar um ponto onde pudesse melhor observar o que se iria passar (...)” (A Batalha – 03/07/1936)</p>
<p>podece (pudesse)</p>	<p>26-09-1936</p>	<p>3</p>	<p>“Admitamos que, no Brasil, um dialeto originado da lingua portuguesa se transformasse, através dos tempos, em um idioma autonomo e que, portanto, o Brasil podesse arrogar se o direito de repetir a denominação de língua portuguesa: dada á língua falada no seu territorio.” (Jornal do Brasil – 31/01/1936)</p>	<p>“A reforma constitucional de 1926 mudou a face das coisas, determinando que nenhum emprego publico, mesmo do Legislativo, pudesse ser criado sem colaboração do Presidente da República.” (Jornal do Brasil – 03/01/1936)</p>
			<p>“E a oportunidade é uma mulher, que, por nós, passa correndo, com os cabelos soltos...” (A Batalha – 03/11/1936)</p>	
<p>portunidade (oportunidade)</p>	<p>23-09-1936 29-09-1936</p>	<p>2</p>	<p>“Amanhã, Domingo, os radio-ouvintes do Brasil, vão ter oportunidade de conhecer um dos maiores violinistas da atualidade.” (Jornal do Brasil – 12/09/1936)</p>	-
				<p>“Neste proposito aqui me tendes e nelle me encontraris á frente da secretaria do Interior, enquanto puder ser util á nobre população carioca.” (A Batalha – 15/07/1936)</p>
<p>sepoder (se puder)</p>	<p>10-09-1936</p>	<p>1</p>		<p>“Se o governo puder fazer baixar o preço do trigo, está o caso resolvido.” (Jornal do Brasil – 21/01/1936)</p>

Tabela 09. Casos de variação na pretônica posterior registrados nas missivas de MRC e em jornais da década 1930⁸.

Não foram encontrados registros de “duer”, “portunidade” e “sepoder” nos periódicos investigados, indicando certo distanciamento entre os *corpora*. Trata-se de casos de alçamento, apagamento e abaixamento, respectivamente. Como se comentou no início desta seção, no primeiro dado apresenta-se o chamado contexto de hiato, potencialmente favorável à elevação da vogal média pretônica na oralidade moderna. O registro dessa vogal na escrita indica, portanto, que esse processo já se apresentava no português do início do século passado e uma relação estreita entre as duas modalidades nas missivas de MRC. Por outro lado, “portunidade” e “sepoder” podem ser apontados como evidências da baixa habilidade da noiva, pois, conforme defendem Marquilhas (1996) e Barbosa (1999), a elisão de segmentos e a hipercorreção são marcas bastante recorrentes nas chamadas mãos inábeis (cf. Introdução).

⁸ O único registro de “chuveu” em *A Batalha* data de 1930. Não foram encontrados registros de “chuvia” nos arquivos do *Jornal do Brasil* da década de 1930 e o único caso registrado em *A Batalha* data de 1930.

Considerações Finais

Ainda que os *corpora* analisados possam ser considerados, em um viés variacionista, pouco significativos, a presença de dados de variação na pauta pretônica em textos escritos que sobreviveram por quase um século os torna relevantes. Os resultados da variação grafemática das vogais pretônicas nas missivas e o contraste desses registros com outros que circulavam na mídia impressa da época revelam que, mesmo em diferentes níveis, o casal apresenta variantes que se distanciam desses modelos, evidenciando, ora a interferência da fala na escrita, ora casos de hipercorreção, além do pouco domínio da grafia. A recorrência desses desvios é, contudo, mais saliente nas missivas da noiva, corroborando a defesa de Silva (2012) de que haveria um certo distanciamento entre os redatores e confirmando a hipótese inicial de que JOS teria mais contato com modelos de escrita do que MRC.

Nesse sentido, ainda que se reconheça a necessidade de ampliar as amostras, os dados observados confirmam que “o noivo detinha um nível de conhecimento relativo a textos escritos e um maior contato com modelos de escrita que sua noiva” (SILVA, 2013; 102), pois nas cartas dela a recorrência de desvios grafemáticos é superior. Cumpre frisar, contudo que, ao mesmo tempo em que os registros de variação que se apresentam na missivista se dissociam dos jornais da época, aproximam-se de ocorrências descritas na oralidade do PB moderno, indicando a incidência do fenômeno em destaque em falares da década de 1930. As cartas de MRC podem, portanto, realmente, ser consideradas “uma fonte preciosa para o conhecimento da norma popular do português brasileiro da primeira metade do século XX”. (SILVA, 2013, p. 103). Em contrapartida, a proximidade entre os registros de JOS e aqueles encontrados nos jornais considerados comprova que, em comparação com sua amada, seu grau de letramento é superior, ainda que não possa ser classificado como altamente letrado.

Dessa maneira, tendo por base a ortografia atualmente vigente, percebe-se certa discrepância entre os modelos de escrita do passado e do presente e tanto o noivo quanto a noiva apresentam desvios ortográficos no que toca a representação das vogais pretônicas anteriores e posteriores, seja em favor do alçamento, do abaixamento e até mesmo do apagamento ou da ditongação. Se os dados registrados nas cartas e nos jornais se distanciam da ortografia atualmente vigente e se aproximam em sua maioria de comportamentos verificados na oralidade do PB moderno, ao que parece na década de 1930, na padronização ortográfica, a fonética ainda era um fator determinante.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, A. G. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas de comércio*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Celia Regina dos Santos (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. Neutralização das átonas. *Revista D.E.L.T.A.*, vol. 19:2, 2003.
- CALLOU, D. I.; BRANDÃO, S.F. Caracterização de áreas dialetais no Português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JÚNIOR, Lucrecio Araújo; MARTINS, Marco Antonio. *Reflexões linguísticas: questões de historiografia, gramática e ensino na linguística brasileira*. Natal: EDUFRN, 2016. p. 81-108.
- _____. Variação e mudança no vocalismo do PB: perfil geo-sociolinguístico. *Comunicação apresentada ao 8º Congresso Internacional da ABRALIN*, 30 de janeiro a 2 de fevereiro de 2013.
- _____; CRUZ, M. L. C. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, V. (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005.
- _____; LEITE, Y. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, 1986.
- _____; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, 1991.
- CAMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- _____. Erros Escolares como Sintomas de Tendências Linguísticas no Português do Rio de Janeiro. *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas [1972] 1975a.

- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- COSERIU, E. *Teoría del Lenguaje y lingüística general*. Madrid: Editorial Gredos, S.A, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Lisboa: Portugália Editora, s/d, 1966.
- FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1970.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. Notas sobre avaliações lingüísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros. In: MATTOS e SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. (Orgs). *O Português Quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFP, 2002.
- GIMENO, J. *El profesor como investigador en el aula: un paradigma de formación de profesores*. Educación y Sociedad, 1983.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. *et al.* The application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with a the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- HORA, D. da; SANTIAGO, S. Vogais pretônicas no Norte do Brasil: o falar de Macapá. In: RAMOS, Jânia (Org.). *Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Oxford: Blackwell, 1972.
- MARQUILHAS, R. *Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII*. 420fl. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.
- MATEUS, M. H. M. *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed, ver. e aum., Lisboa: Caminho, 2003.
- MONARETTO, V. N. de O. Valor fonético das vogais médias postônicas em jornais oitocentistas gaúchos. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume 14, dezembro de 2013.
- NARO, A. J. *Estudos Diacrônicos*. Trad. Lais Campos e Katia Elisabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, M. A. *Variação Fonológica: O indivíduo e a comunidade de fala*. VIII Seminário de Pesquisa do PPGLLP _UNESP-Araraquara. (Seminário), 2008.
- PAIVA, D. de F. *História da Língua Portuguesa II: século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Ática, 1988.
- SAID ALI. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. ed. rev. e atual. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1915.
- SILVA, E. N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SILVA, M. B. da. Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon*, Porto Alegre, 1991.
- SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.
- VIEGAS, M do C. *O açamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.
- <http://hemerotecadigital.bn.br/> (Acesso entre os meses de junho e julho de 2014)